

## "ZONAS DE VIZINHANÇA" ENTRE POESIA, PENSAMENTO E INFÂNCIA.

Antônio Fernandes Júnior (UFG/RC/FAPEG/CAPES)  
tonyfer@uol.com.br

O livro *Frases do Tomé aos três anos*, de Arnaldo Antunes, caracteriza-se pela reunião de um conjunto de frases ditas pelo filho do poeta e conta com ilustrações de Antunes. Dez anos antes, Rosa M. Antunes figurava como ilustradora do livro *As Coisas*, também com a mesma idade. Esse movimento de compor com a criança, com o pensamento da criança ou com uma poética infantil realça um aspecto muito peculiar do processo de criação de Antunes, que se afirma, para usar uma expressão deleuziana, como uma “zona de vizinhança” com a infância, construindo um movimento de aproximação e experimentação com a infância enquanto potência criadora. Pautado nessas questões, pretendemos problematizar os seguintes pontos: que lugar a criança ocupa nessas obras? Como pensar o encontro do adulto com a criança nessas obras?

Palavras-chave: Arnaldo Antunes; poesia brasileira; infância.

### Considerações iniciais

Início a escrita deste artigo a partir da seguinte reflexão sobre a Poesia Brasileira Contemporânea:

É necessário compreender a poesia recente a partir da aceitação de que a literatura não tem destino final, nem horário de chegada, muito menos condutor, e é puro devir, cujo caráter incontrolável e incortornável solicita ser experimentado como motivo de prazer, de angústia, por certo, mas não de raiva e impotência (CAPELA, 2006, p. 197).

Esse alerta serve para que possamos experimentar a poesia contemporânea, explorando o que essa poética nos diz sobre o nosso tempo e sobre a nossa condição histórica. Há uma gama, a de autores, escritas e formas de veiculação da poesia na atualidade, pois, no cenário poético atual, não há negação do modelo anterior, “amiúde desqualificado pelo viés da ironia e mesmo da sátira, do riso direto, zombeteiro” (CAPELA, 2006, p. 195). É preciso se desprender do cânone e da estética modernista como elemento distintivo ou mediador na comparação; é preciso entender a poesia de agora como uma produção que não tem anseios ou a necessidade do absoluto, de essências. Uma produção que se produz com a fala que se tem, com o canto que se tem e com a expressão poética dada no momento.

Ao aceitar o convite do estudioso supracitado, o presente estudo objetiva “experimentar” a poesia produzida por Arnaldo Antunes nos livros *As Coisas* (1992) e *Frases do Tomé aos três anos* (2006), com foco no diálogo construído entre poesia e

infância nos livros destacados. Com a publicação de 2006, na qual o autor faz parceria com o seu filho de três anos, temos um movimento quase idêntico ao de outra obra escrita, também, em parceria com outra criança de três anos de idade, realizada em 1992, quando foi publicado o livro *As Coisas*. Na primeira publicação, a filha do poeta ilustra os textos do pai; na segunda, o pai ilustra os textos pronunciados pelo filho Tomé, compilados e registrados no formato livro. Essas questões reforçam um aspecto da poética de Antunes, que é o de, constantemente, estabelecer uma “zona de vizinhança”<sup>1</sup> com o pensamento infantil.

A relação entre poesia e infância não se configura com uma proposta inaugural de Antunes, pois, na história da literatura brasileira, outros poetas fizeram esse diálogo, articulando poesia e pensamento infantil/ poesia e infância. Refiro-me, para citar alguns exemplos, a Oswald de Andrade, Mario Quintana, Manoel de Barros, dentre outros. Embora não seja um dado “novo”, inventado por Antunes, consideramos que se trata de um gesto singular, pois possibilita à poesia de Antunes alcançar outras possibilidades de significação no conjunto de sua obra e no cenário literário brasileiro, conforme tivemos a oportunidade de demonstrar em outras pesquisas<sup>2</sup> e pretendemos desenvolver nas reflexões deste estudo.

Os livros escolhidos para esta discussão foram alvo de outra pesquisa por nós desenvolvida<sup>3</sup>, na qual exploramos o encontro da poesia com infância do ponto de vista do diálogo entre palavra e imagem, com o foco na coautoria do poeta com as crianças na faixa de três anos. Para este artigo, pretendemos explorar o encontro entre o adulto e criança no processo criativo de Antunes, dando ênfase no gesto de compor com, em um encontro que se realiza por aproximação e por distanciamento. Trata-se de um movimento necessário, uma vez que não estamos diante de uma poesia destinada ao público infantil. O poeta recorre à infância, faz vizinhança, mas dela se afasta. São textos e imagens de crianças que passam a circular com a assinatura do poeta, estabelecendo lugares de autoria, porém não são livros “infantis”. É esse encontro, como campo de intensidades, que nos interessa ao longo da presente discussão.

---

<sup>1</sup> Expressão cunhada por Gilles Deleuze (1997), indicada para compor o conceito de Devir-criança. O filósofo indica ser esse conceito mais apropriado para se pensar um encontro do adulto com a criança que não se efetiva por imitação ou reprodução da fala infantil na literatura, mas por “zona de vizinhança”, na qual adulto e criança são incorporados em um processo de dupla captura e compõem um espaço de “entremeio”, sem designar um ou outro isoladamente, mas os dois ao mesmo tempo. Fizemos essa discussão em Fernandes Júnior (2011).

<sup>2</sup> Fernandes Júnior (2011).

<sup>3</sup> Fernandes Júnior (2013).

## **01. Primeiro movimento: “tem muito trabalho para fazer o mundo”**

O subtítulo deste tópico indica algo, no mínimo, provocador sobre o nosso contexto contemporâneo, marcado por uma lógica neoliberal voltada para o sucesso, pela obtenção de lucro e visibilidade social a qualquer preço. “Tem muito trabalho para fazer o mundo”! Tempo cada vez mais marcado pela urgência de se obter sucesso, seja na carreira ou na vida pessoal. Modelo que teme o fracasso e experiências que não deem certo, tempos da autogestão do eu, em que o segredo do sucesso está no esforço individual. É a isso que Foucault chama atenção, ao tratar da resistência às estratégias do biopoder, que ainda nos ajuda a pensar o tempo em que vivemos. Nesse cenário, qual é o espaço para a reflexão, fora das urgências cotidianas, profissionais? Para o filósofo Foucault (2010, p. 356), “uma crítica não consiste em dizer que as coisas não são bem como são. Ela consiste em ver em que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que aceitamos”. Não há tempo para um exercício do exterior (social) para o interior (pensamento) e do interior para o exterior. A literatura seria uma forma de exercitar essa reflexão sobre os problemas do presente, evitando a simples aceitação daquilo que está regulamentado, sem a possibilidade de se deparar com sua transgressão no mundo ficcional e, enfatizando, assim, o fato de que “fazer a crítica é tornar difícil os gestos mais simples” (FOUCAULT, 2010, p. 356).

Essa tarefa, proposta pelo filósofo, se volta para a desnaturalização daquilo que se torna “evidente” ou do que se aceita como algo natural, comum e óbvio. É preciso inverter o processo: a essa urgência por soluções imediatas, impor outro ritmo, outros modos de vida: desacelerar e propiciar o encontro com o inesperado, com o ainda não pensado.

Em um cenário desses, qual o espaço destinado à poesia ou a textos de caráter reflexivo, que fogem à lógica da utilidade ou do imediatismo? É próprio da artedesnaturalizar obviedades e trilhar por caminhos capazes de nos deslocar das certezas impostas e, por esse motivo, nos levar ao questionamento da vida, do mundo e da linguagem.

“Há muito trabalho para fazer o mundo”, para reinventar a vida, a poesia e para dar/construir sentido a esse lugar/espaço que chamamos de mundo. “Mundo, mundo vasto mundo” (Drummond) com toda a sua complexidade. Mundo pós-moderno? Pós-mídia? Sociedade de controle?

Creio ser esse o movimento operado pelo poeta Arnaldo Antunes quando se aproxima do que ele designou como uma “lógica do raciocínio infantil<sup>4</sup>”. O poeta apresenta uma obra constantemente atravessada por um encontro com a infância ou com o pensamento infantil, tanto do ponto de vista da exploração da linguagem (o modo como brinca com a palavra/tece associações inusitadas) quanto do estabelecimento de trabalhos em coautoria com seus filhos, conforme indicaremos a seguir. Em depoimentos e entrevistas, o poeta sempre indicou esse diálogo com o pensamento infantil como um ponto de aproximação com o seu fazer poético: “Na verdade, todo o raciocínio infantil me fascina. Ele tem uma poética muito própria, capaz de dar baile em qualquer adulto” (ANTUNES, 1993, p. 54). Além de depoimentos, há o artigo intitulado “Sobre a origem da poesia”, publicado na antologia “Como é que chama o nome disso” (2006), no qual o poeta indica a busca de uma infância de linguagem, afastando-se do excesso de referencialidade tão comum na modernidade. Diz o autor:

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não-poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas. [...] A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos flashbacks de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades — significante e significado (ANTUNES, 2006, p. 323).

Voltando ao texto do livro, “tem muito trabalho para fazer o mundo”, notamos que há nessa frase/poema a afirmação do trabalho, da elaboração da experiência e do pensamento. Algo que podemos intuir pela crítica e pela afirmação da vida com tudo o que ela nos apresenta. Essa frase/poema integra o livro *Frases do Tomé aos três anos* e configura-se como um dos postais que a obra disponibiliza para que o leitor possa, se for de seu interesse, endereçá-lo a alguém. Os postais caracterizam-se como um tipo de correspondência mais enxuta, rápida, com informações previamente preenchidas por caracteres e imagens do livro, parecendo destinados a levar um recado mais breve, imediato, diferente de uma carta, seja pela extensão ou pelo modo como são concebidos.

---

<sup>4</sup> Antunes (2006).

Se as cartas têm uma natureza mais doméstica, pois são produzidas geralmente em espaços íntimos (casa, quarto etc.), os postais têm um aspecto mais corriqueiro, uma vez que podem ser preenchidos nas ruas, correios ou cafés, por exemplo.

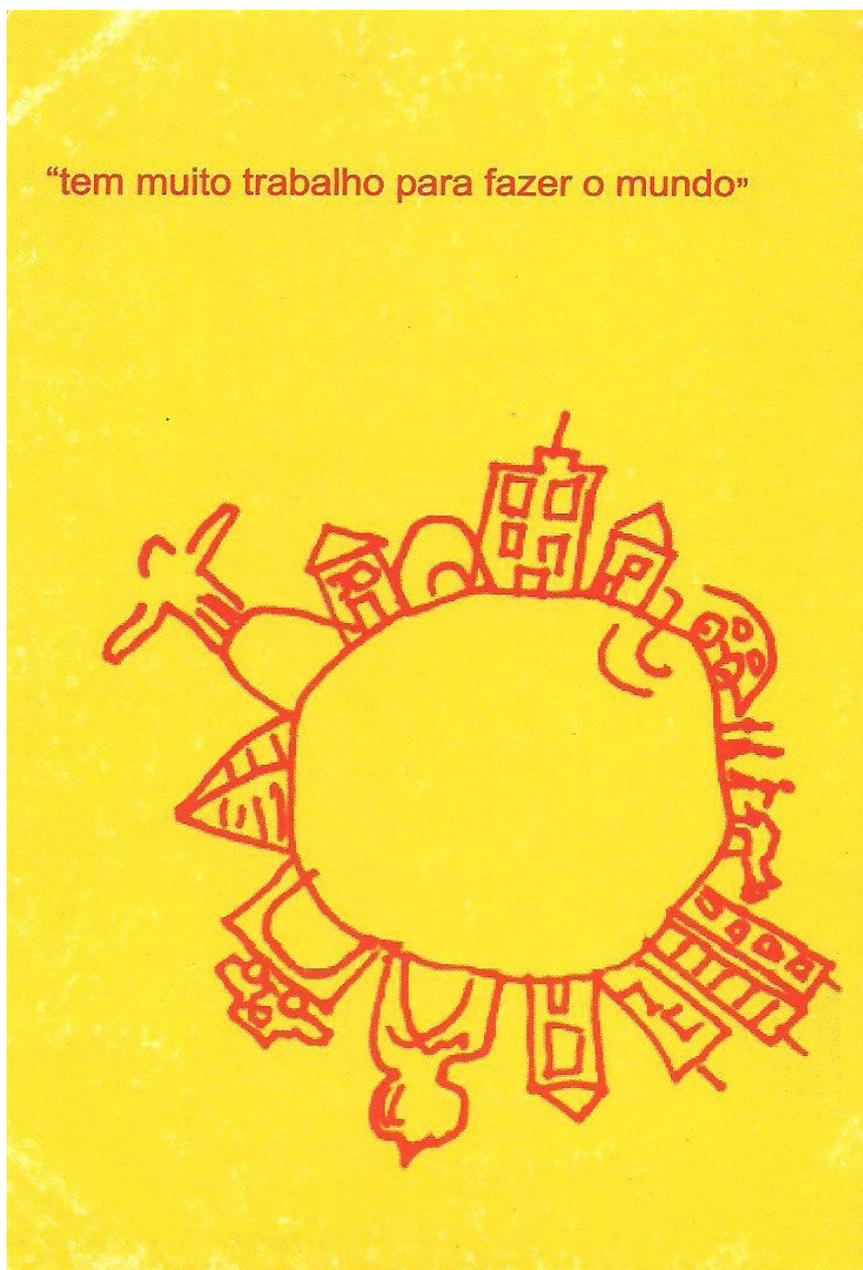


Figura 01 – imagem do cartão postal que integra o livro *Frases do Tomé aos três anos*.<sup>5</sup>

A exploração do suporte material, ainda que seja uma decisão editorial, marca outro traço peculiar da poética de Antunes, cujos textos migram de suporte a outro e recebem distintas materialidades (formatação, ilustração, melodia etc.). Esse postal é formado pela frase atribuída ao filho e pelas imagens produzidas pelo poeta. Essa frase,

---

<sup>5</sup> In: Antunes (2006).

recortada de uma fala de criança e que poderia se perder em uma situação cotidiana, ao figurar em um livro de poesia, em outro contexto, ganha contornos e densidade poética. O texto encanta e desafia, seja pelo aspecto lúdico ou pelo conteúdo veiculado. O texto reveste-se de uma constatação de algo por fazer (o mundo), em constante construção (“tem muito trabalho”). O verbo na terceira pessoa do singular, mas com sentido de existir (existe /há muito trabalho), o advérbio de intensidade (muito) e a indicação de finalidade (para fazer) demonstram o teor do texto, cujo discurso nos convida a repensar nossa condição histórica e a reinventar o mundo e a nós mesmos.

O encontro com a criança no livro *Frases do Tomé aos três anos*, conforme anunciado, reitera um movimento peculiar à poética de Arnaldo Antunes, voltado para o encontro com a infância como estratégia de construção do poema, que não se realiza por imitação ou cópia da fala da criança. Tanto no livro supracitado quanto no livro *As Coisas*, o poeta produz o encontro com dois filhos, ambos com três anos de idade.

Em ambas as publicações, o poeta compõe com a criança, com o pensamento da criança ou “brinca”<sup>6</sup> com o pensamento infantil. Incorpora/“brinca” com um certo modo de pensar da criança nessa faixa etária para, com ele, construir os poemas e as imagens. Nessa fase<sup>7</sup> de três anos, a criança lida com as coisas/objetos em geral, a partir de um modo “concreto” de se relacionar com o mundo ou para compreender determinados acontecimentos, ao manipular informações/coisas, fenômenos, dentre outros. Por esse motivo, uma criança, nessa etapa de seu desenvolvimento, revira ou desmonta objetos como forma de conhecê-los.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o diálogo se aproxima, “roça a língua da criança” (DELEUZE, 1997a), o poeta precisa se afastar para não correr o risco de imitar e, com isso, ter o gesto de criação convertido em poesia.

## **2. Segundo movimento: da relação palavra e coisa**

Como foi anunciado, o livro *As Coisas*, de 1992, foi o primeiro livro no qual Antunes faz parceria com a criança de três anos. Nele o poeta explora, de forma direta e obsessiva, a possibilidade de focalizar um objeto por vários ângulos, buscando ligar a um dado significante vários significados possíveis, como se fosse possível atingir uma

---

<sup>6</sup> O termo brincadeira é acionado no sentido inventivo/produtivo, diferente de uma atitude corriqueira. Nesse sentido, podemos afirmar que o criar do artista se aproxima do brincar da criança, instaurando um movimento de criação aberto, sem regras pré-estabelecidas (ROLNIK, 2000).

<sup>7</sup> Para maiores informações, consultar Piaget (1999).

definição absoluta. Como uma criança que monta e desmonta seus brinquedos para conhecê-los, o poeta brinca com a linguagem e suas possibilidades significativas. Nesse livro, o diálogo com a infância realiza-se tanto do ponto vista da parceria do poeta com uma criança (o encontro do pai com filho) quanto do ponto de vista formal, quando o poeta incorpora um devir-criança como estratégia discursiva na composição dos seus trabalhos.

Ao compor com a criança e agenciar o devir-criança, o poeta instaura, no poema, certo modo “concreto” de pensar e o adota como forma de entender o funcionamento das coisas, seja pelo conceito, forma, cor, textura ou função.

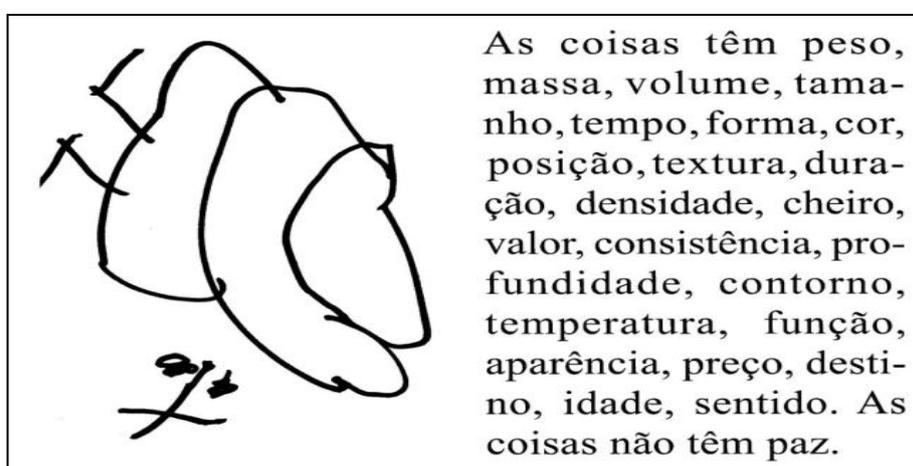


Figura 02. Reprodução da imagem e do poema como publicado no livro “As coisas”<sup>8</sup>.

Esse modo concreto de conceber a poesia, com todos os riscos que essa categorização pode implicar, nos direciona, neste momento, a dar mais ênfase a um tema muito caro ao poeta, qual seja, a relação entre nome e coisa/ou a impossibilidade de se atingir uma definição absoluta. Ao explorar as diversas possibilidades de um dado significante (coisa, dinheiro, corpo, mundo, nome etc), Antunes (2002) mostra-nos o quanto é escorregadia a relação entre palavra e coisa. Afinal, e para dialogar com o poema em destaque, a palavra “coisa” pode ser isso e aquilo, ter vários usos, cores, funções e sentido.

No livro *As Coisas*, esse movimento fica claro, pois parte da ideia de que os objetos/coisas podem ser descritas de várias maneiras, o mesmo significante pode ser usado de distintas maneiras e receber significados diferentes. O trabalho do poeta segue

---

<sup>8</sup> In: Antunes (2002, p.90-91).

um caminho que tenta esgotar essas possibilidades, saturar o significante. Mas a definição absoluta é impossível, pois os sentidos são moveidinhos, escorregadios.

No poema em destaque, as “coisas” podem ser descritas por atributos físicos (cor, tamanho, peso, valor etc.) e, por fim, deparamo-nos com o termo “sentido”, que pode tanto designar “direção”, em uma perspectiva mais literal, quanto outra possibilidade de associação, na qual se faz a opção pelo termo “sentido” e não pelo termo “significado”. Se este último vincula-se a algo cristalizado, inerente à coisa; o primeiro volta-se para outra modalidade de uso da linguagem, pois é da ordem da construção/fabricação, que se efetiva em uma relação de alteridade.

Essa obsessão por nomeação está presente em boa parte da obra de Antunes, seja naquelas que circulam em livro, discos ou vídeos. Um grande exemplo ou síntese desse processo está estampado na capa do livro de sua antologia poética de 2006, que assim foi designada: “Como é que chama o nome disso”. O livro *As coisas*, já citado; a trilogia Nome (CD, livro e vídeo) e, em diversas letras de músicas, essa questão aparece e ganha lugar na poética de Antunes. Ao recortar o verso/refrão da letra da música “O nome disso”, do álbum *Ninguém* (1994), e colocá-lo como título de sua antologia poética, o autor promove um gesto de interpretação de sua obra, definindo e sintetizando seu percurso criativo e o modo como se relaciona com a linguagem e as coisas. A relação entre palavra e coisa instiga tanto o poeta que, em outra letra de música, questiona: o que significinca isso? o que swingnifica isso? o que signifixa isso? o que swingnifica isso? Essas perguntas rondam o imaginário do poeta, instigando-o a questionar e brincar com o próprio ato de questionar.

Poderíamos recortar outros textos das obras indicadas para ampliar **esta** discussão, mas fica o convite ao leitor que queira aceitar o desafio de adentrar o universo poético de Arnaldo Antunes e se deliciar com a força de sua poesia, que trilha por diferentes espaços, suportes e materialidades. Voltando ao livro *Frases do Tomé aos três anos*, recortamos outros textos para ilustrar um pouco nossa discussão.

noite é um dia que ficou escuro (p. 13)  
por que antigamente ficou pra trás? (p. 13)  
hoje é o dia que já passou? hoje é ontem?  
por que ainda não é antigamente? (p. 44).

Os textos recolhidos pelo autor reafirmam o que anunciamos anteriormente: o encontro com a infância no processo criativo. Essas frases/poemas reforçam, do ponto

de vista da formulação, um dado muito significativo da obra de Antunes: o processo de nomeação e o aprofundamento/desnudamento da relação entre palavra e coisa. Do ponto de vista formal, elas indicam procedimentos que o poeta persegue em sua obra: a relação entre a palavra e os processos de significação.

### **Considerações finais**

O encontro do poeta com a criança (pai e filho) habita um espaço “entre”, algo que se passa entre o adulto e a criança, escrita poética e pensamento infantil. É o espaço do devir, do achado e do acontecimento. Não se trata da cópia ou da pura imitação, mas de encontrar na infância um espaço de potência, um campo de intensidades. Esse acontecimento se realiza entre dois sujeitos, dois mundos e duas formas de pensar o mundo, porém se fundem e se transformam em outra coisa, pois o encontro se realiza no livro, que sensibiliza e provoca estranhamento. Não se trata de ligar à infância a ideia da minoridade, da incapacidade ou infantilização dessa fase. Talvez a infância seja essa condição que nos acompanha a vida: a condição de ser afetado (KHOAN, 2005). Diria que Antunes produz esse encontro e apresenta-nos uma obra afetada pela infância, seja pela sua condição de pai ou sensibilidade poética. A poesia que se materializa nesses livros nos faz pensar de novo, pensar o que não foi pensado. Esse gesto não tem idade, mas é dotado de pura sensibilidade.

### **Referências Bibliográficas**

- ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. 8ª Edição. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Frases do Tomé aos três anos*. Porto Alegre: Alegoria, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ninguém*. São Paulo: BMG, 1994
- \_\_\_\_\_. O enigma da poesia. In: \_\_\_\_\_. *Como é que chama o nome disso*. São Paulo: PUBIFOLHA, 2006. p. 323-325
- \_\_\_\_\_. *Playboy* entrevista Arnaldo Antunes. In: *Revista Playboy*. Ed. Abril, número 219, outubro de 1993. pp 43-59.
- CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. “Entre estentores, estertores e extensores da poesia, um agora”. In: PEDROSA, Célia; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros (Orgs.). *Poéticas do olhar e outras leituras de poesia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006. pp. 195-204.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997a.

\_\_\_\_\_. & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997b.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. *Os entre-lugares do sujeito e da escritura em Arnaldo Antunes*. Curitiba: Editora Appris, 2011.

\_\_\_\_\_. Do encontro com a criança na produção poética de Arnaldo Antunes: lugares de autoria e constituição de singularidades. In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ANDRADE, Paulo Fonseca. (Org.). *As Literaturas infantil e juvenil...ainda uma vez*. 1ed. Uberlândia: GPEA/CAPES, 2013, v. 1, p. 73-90.

FOUCAULT, M. É importante pensar? In: MOTTA, M. B. da (Org.) *Repensar a política*. Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967. 146p.

ROLNIK, Suely. “Os mapas moveidões de Öyvind Fahlström”. 2000. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Fahlstrom.pdf>. Acesso em 15 jan. 2007.